

**UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ**

**Mariana Lima Carneiro**

**ESTRATÉGIAS DE LEITURAS PARA SEREM  
DESENVOLVIDAS COM ALUNOS DO ENSINO  
FUNDAMENTAL A FIM DE COMBATER AS *FAKE NEWS***

**Taubaté-SP**

**2020**

**Mariana Lima Carneiro**

**ESTRATÉGIAS DE LEITURAS PARA SEREM  
DESENVOLVIDAS COM ALUNOS DO ENSINO  
FUNDAMENTAL A FIM DE COMBATER AS *FAKE NEWS***

Trabalho de Graduação  
apresentado como requisito  
parcial para a graduação em  
Letras, pela Universidade de  
Taubaté.

Orientadora: Profa. Dra. Maria  
do Carmo de S. de Almeida

**Taubaté – SP**

**2020**

**Mariana Lima Carneiro**

**ESTRATÉGIAS DE LEITURA PARA SEREM DESENVOLVIDAS  
COM ALUNOS DE ENSINO FUNDAMENTAL A FIM DE  
COMBATER AS *FAKE NEWS***

Trabalho de Graduação  
apresentado como requisito  
parcial para a graduação em  
Letras, pela Universidade de  
Taubaté.

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Resultado: \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

Professora Dra. Maria do Carmo S. de Almeida

Assinatura: \_\_\_\_\_

Professora Dra. Adriana Cintra de Carvalho Pinto

Assinatura: \_\_\_\_\_

Professora Ma. Andréia Alda de Oliveira Ferreira Valério

Assinatura: \_\_\_\_\_

Dedico este trabalho de graduação a todos que me apoiaram e me incentivaram e são os responsáveis por este momento de conclusão.

## **AGRADECIMENTOS**

À Profa. Dra. Maria do Carmo de Souza Almeida, pela disposição e todo o auxílio durante o desenvolvimento do trabalho de graduação.

À minha filha Melissa, que nasceu no final do percurso da graduação e que foi um grande incentivo para minha formação e conclusão dessa etapa.

Aos meus pais, minha irmã Juliana, meu namorado Marcelo e a todas as pessoas por quem tenho um imenso carinho, que estiveram presentes, diretamente e indiretamente, e que me incentivaram nesses últimos anos para que esse momento chegasse. Sou muitíssimo grata.

## RESUMO

O tema desta pesquisa é a leitura proficiente para combater as *fake news*. Desse modo, veremos que para que uma leitura seja crítica, ela não pode se limitar só a decodificar. A ideia de fazer este trabalho surgiu devido ao fato de que as *fake news* são uma realidade atual e, para não cairmos nessa armadilha, precisamos estar atentos, ser leitores proficientes. Portanto, é fundamental trabalhar a leitura em sala de aula a partir desse tema. Assim, o objetivo desse trabalho é realizar uma discussão sobre as *fake news* e propor estratégias de leitura a fim de combatê-las. Esta pesquisa, de natureza bibliográfica, tem como referencial teórico Solé (1998), Coscarelli (2003), Rojo (2008) e Lopes-Rossi (2002) em relação à leitura; e Aidar; Alves (2019), Garcia; Czeszak (2019) e o Site Vaza Falsiane<sup>1</sup> (2019), no que se refere às *fake news*. A conclusão aponta a necessidade de se checar e questionar uma notícia, já que aparentemente ela pode, a princípio, parecer verdade por ter sido uma montagem bem feita.

---

<sup>1</sup>Disponível em: <https://vazafalsiane.com/>. Acesso em: 13 de abr. 2020. **Vaza, Falsiane!** é um curso online de iniciativa de três amigos, jornalistas e professores universitários.

## ABSTRACT

The subject of this research is proficient reading to combat fake news. Thus, we will see that for a reading to be critical, it cannot be limited to decoding. The idea of doing this work came about due to the fact that fake news is a current reality and, in order not to fall into this trap, we need to be aware, be proficient readers. Therefore, it is essential to work on reading in the classroom based on this theme. Thus, the objective of this work is to carry out a discussion on fake news and propose reading strategies in order to combat them. This research, of bibliographic nature, has as theoretical reference Solé (1998), Coscarelli (2003), Rojo (2008) and Lopes-Rossi (2002) in relation to reading; and Aida; Alves (2019), Garcia; Czeszak (2019) and the Vaza Falsiane (2019) website, with regard to fake news. The conclusion points to the need to check and question a news item, since apparently it may, at first, seem to be true because it was a well done montage.

## SUMÁRIO

### Sumário

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>CAPÍTULO 1 O ENSINO DE LEITURA</b> .....	11
1.1 Objetivo de leitura: por que estou lendo? .....	11
1.2 Inferir para ler .....	12
1.3 Gêneros discursivos e leitura com foco no cotidiano .....	15
<b>CAPÍTULO 2: FAKE NEWS, O ENSINO SOBRE AS NOTÍCIAS FALSAS NA ESCOLA E O PAPEL DO LEITOR</b> .....	19
2.1 O que são as <i>fake news</i> e onde aparecem? .....	19
2.2 Fake news: no passado e no presente .....	20
2.3 Como as informações chegam nas nossas mídias sociais? .....	23
2.4 O que é um bom leitor? E o que é um mau leitor? .....	24
2.5 O mau das <i>fake news</i> .....	25
2.6 A curadoria educacional a partir de recursos tecnológicos como mecanismo para combater as <i>fake news</i> .....	27
2.7 Metodologias ativas em conjunto com o professor curador .....	29
2.8 Educação midiática nas escolas .....	32
2.9 <i>Fake news</i> na educação básica .....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
2.10 Atividades sugeridas para trabalhar com leitura de fake news .....	38

## INTRODUÇÃO

O tema desta pesquisa é a leitura proficiente para combater as *fake news*. A tarefa de ler está inevitavelmente inerente no dia a dia de todos. Mas, só decodificar não significa necessariamente compreender. Em tempos de ascensão da era digital do mundo pós-moderno, as *fake News*, ou *notícias falsas*, têm acontecido recorrentemente, com excessivos compartilhamentos. Essas *fake news* se espalham, geralmente, por meio de uma página criada na internet, com o intuito de disseminar essas supostas “verdades”. Um robô, ou *bot*, criado pelo programador do site, fica responsável por espalhar os *links* nas redes. Ao alcançar grande número de acesso e menção sobre essa falsa notícia, mais isso se espalha, tornando-se um problema cada vez maior.

E os acessos e propagação dessas *fake news* acontecem porque, na maioria das vezes, quem compartilha não reflete sobre a veracidade daquela informação. Ou seja, não sabe ler adequadamente. É necessário haver uma leitura proficiente, uma leitura perspicaz, na qual se processe e se compreenda o texto, verificando o que se lê, sendo então um leitor ativo. Todavia, ler e compreender não é uma tarefa tão simples assim, visto que não se restringe apenas à decodificação de palavras.

Em virtude da prática constante de muitos leitores de apenas decodificar, acreditamos ser necessário o presente trabalho. Não existe leitura sem compreensão. Para que haja efeito positivo, é preciso entender, segundo Solé (1998), “que a leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto; neste processo tenta-se satisfazer [*obter uma informação pertinente para*] os objetivos que guiam sua leitura”, ou seja, uma das premissas para uma leitura eficiente, é entender que toda leitura é motivada por um objetivo do leitor sobre o texto: o que se pretende com determinada leitura? E partir desse questionamento, utilizar a decodificação para destrinchar as palavras escritas, começando pelas letras e depois pelas palavras (não se limitando a esse processo), mas ir além, utilizando-se então do processo de inferência, tal como o conhecimento prévio sobre o assunto que se lê e as expectativas do leitor.

Portanto, antes de se iniciar uma leitura, é preciso ter um propósito bem definido. Essa é a missão para nós, profissionais da língua portuguesa, de

ensinar e trabalhar estratégias de leituras eficazes com os alunos, a fim de torná-los futuros leitores crítico se, dessa forma, conseguirmos combater a disseminação de *fake news*.

Diante de tudo isso, o objetivo desse trabalho é realizar uma discussão sobre as *fake new* e propor estratégias de leitura a fim de combatê-las. Auxiliar, portanto, no desenvolvimento de uma leitura crítica, com critérios, para que, assim, o leitor não tenha uma compreensão equivocada de um determinado texto e não seja enganado.

Esta pesquisa, de natureza bibliográfica, tem como referencial teórico Solé (1998), Coscarelli (2003), Rojo (2008) e Lopes-Rossi (2002) em relação à leitura; e Aida; Alves (2019), Garcia; Czeszak (2019) e o Site Vaza Falsiane<sup>2</sup> (2019), no que se refere às *fake news*.

Este trabalho de graduação divide-se em dois capítulos. O primeiro apresenta os pressupostos teóricos sobre o ensino de leitura; e o segundo sobre o que são *fake news*, como dever ser abordagem delas na escola e sugestões de atividades de leitura com *fake News*. Por fim, seguem a conclusão e as referências.

---

<sup>2</sup>Disponível em: <https://vazafalsiane.com/>. Acesso em: 13 de abr. 2020. **Vaza, Falsiane!** é um curso online de iniciativa de três amigos, jornalistas e professores universitários.

## **CAPÍTULO 1**

### **O ENSINO DE LEITURA**

Neste capítulo, abordaremos a importância do ensino de leitura para o combate às *fake news*. Iniciaremos apresentando estratégias de leituras referentes ao objetivo de leitura para a construção de sentido por parte do leitor. Em seguida, trataremos a importância da inferência para uma leitura crítica e a necessidade de se ensinar leitura a partir de gêneros discursivos.

#### **1.10 objetivo da leitura: por que estou lendo?**

Iniciaremos esta seção discutindo sobre o ensino de leitura a partir do objetivo do leitor, visto que o objetivo do nosso trabalho é pensar em estratégias de leitura para o combate às *fake news*.

Solé (1998) afirma que a leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto, sendo guiada por um objetivo, uma finalidade, um porquê. O objetivo da leitura pode ser por um *hobbie*, atividade, informação etc. Cada leitor pode interpretar e extrair uma informação diferente de acordo com a necessidade dele. Por isso, os objetivos da leitura devem ser sempre considerados ao ensinar as crianças a ler e a compreender.

O significado (compreensão) da leitura é construído por quem lê, ou seja, leva-se em consideração o texto, o conhecimento prévio sobre o assunto e os objetivos. Um texto não é sobre o significado que o autor quis dar, é um encontro entre autor, texto, leitor considerando o contexto. Ler não é só decodificar (letra por letra) o que está escrito, mas sim se envolver com o texto.

A compreensão do texto é um processo de construção, na qual o leitor é ativo, ou seja, processa o que se lê, levantando e verificando hipóteses sobre o texto. E para uma compreensão com êxito, é necessário que o leitor tenha um objetivo pré-estabelecido, que elabore e verifique hipóteses e que realize inferências. A informação, trazida no texto pelo autor, somada ao conhecimento prévio do leitor possibilitam uma interpretação crítica. Esta é uma leitura consciente, estratégica, analítica em que o leitor, além de construir a

interpretação, também é capaz de perceber o que não se entende para que se possa resolver suas dificuldades.

Importante ressaltar que o conhecimento prévio do leitor não é sobre “saber” o conteúdo do texto, mas sim, de se ter conhecimentos necessários que possibilite a atribuição de significado ao que lê. A leitura na escola, muitas vezes, é ineficaz pelo desconhecimento que o professor tem do que é ler, do papel que a leitura precisa ocupar no Projeto Curricular da Escola, das propostas metodológicas para ensiná-la etc. Isso leva a um ensino da leitura que se limita à decodificação e não à compreensão e ao trabalho com estratégias de leitura.

Se ao invés de o docente focar no ensino da decodificação apenas, focar também nas estratégias, teremos alunos que saberão utilizar estratégias adequadas para a compreensão do texto.

De acordo com Palincsar e Brown (1984 apud SOLÉ, 1998, p. 73), deve-se ensinar o propósito da leitura a partir das seguintes questões:

Que tenho que ler? Por que/para que tenho que lê-lo? Qual é a informação essencial proporcionada pelo texto e necessária para conseguir o meu objetivo de leitura? Que informações posso considerar pouco relevantes, por sua redundância, seu detalhe, por serem pouco pertinentes para o propósito que persigo?”.

## **1.2 Inferir para ler**

Nesta segunda seção, trataremos sobre a importância de se inferir ao ler, acionando os conhecimentos prévios sobre determinado assunto durante a leitura, ou seja, o que se sabe sobre o que está sendo tratado.

Segundo Coscarelli (2003), para se compreender verdadeiramente um texto, é necessário utilizar-se de algumas estratégias de leituras, a inferência é uma delas. A inferência é o procedimento feito pelo leitor diante de um texto, levando-se em conta o conhecimento prévio (noção sobre o assunto), o próprio texto e contexto.

No texto, existe o contexto intrínseco que é o conhecimento partilhado, que, de acordo com Clark (1992 apud COSCARELLI, 2003), são as informações de domínio comum entre o autor e o leitor, também conhecido

como conhecimento mútuo, não sendo um conhecimento idêntico, mas sim com certas semelhanças.

O conhecimento partilhado “é a soma dos conhecimentos, crenças e suposições mútuas, mas não idênticas, dos falantes” (COSCARELLI, 2003, p. 7) Há entre eles a informação dada e a nova, ou seja: a informação que o leitor já tem e é capaz de inferir sobre o assunto tratado, e a que ele receberá ou não conseguiu inferir. Deve-se considerar que, ao elaborar um texto, o autor utiliza-se de estratégias, procurando escolher a melhor forma de dizer algo para que o leitor consiga mais facilmente inferir e, por fim, compreender o que o autor quer dizer. Os elementos do texto, ou coesivos, também fazem muita diferença para uma melhor compreensão ao auxiliar o leitor a criar coerência e dar sentidos ao que lê. Por exemplo, o uso de determinada palavra pode representar o posicionamento do autor sobre determinado assunto, portanto, segundo Coscarelli (2003, p. 14), “escolhas lexicais refletem opiniões sociais ou políticas”.

Assim como a escolha da palavra pelo autor, as estruturas sintáticas também são selecionadas com base no objetivo, posição social e ideologia do autor. É importante frisar que o significado do texto não está nele, se fosse assim, não haveria interpretações distintas. Não se tem todas as informações, mas se tem instruções que guiam a leitura. Quando não há elementos explícitos colocados pelo autor no texto, o leitor fará então a inferência, com as informações que já estão lá, sendo guiado pelo próprio texto.

Além disso, para compreender, é necessário inferir. A inferência é a operação cognitiva feita pelo leitor ao adicionar informações ao texto, a partir do conhecimento prévio do assunto e dos elementos contidos nele que possibilitarão a ele deduzir, levantar hipóteses entre outras operações mentais necessárias para se compreender. Lembrando que as inferências são diversas e podem ser usadas em qualquer momento do texto, e por isso, cinco perguntas polêmicas serão refletidas acerca do tema, tais como, nas palavras de Coscarell (2003, p. 26): “O que são? Quais são? Quando? Como? Por que são feitas?”.

Por ser um conceito muito abrangente (já que são muitas as operações realizadas), é difícil caracterizar e definir exatamente o que são inferências. No geral, pode-se dizer que é uma informação adicionada ao texto pelo leitor. No

entanto, há controvérsias, dificultando a definição. Por exemplo, de acordo com McLeod (1977 apud COSCARELLI, 2003), a inferência não é feita somente em texto escrito. Já para Morrow (1990 apud COSCARELLI, 2003), ao inferir, o leitor usa informações não ditas no texto, que foram subtendidas. Enquanto para Yekovichef. *et al.* (1990 apud COSCARELLI, 2003, p. 34), são “informações não dadas explicitamente”.

Então, por ser muito difícil definir o que é inferir e por ser muitas as hipóteses, existem duas condições que permeiam essa possível definição: a primeira é que a informação implícita adicionada ao texto é feita pelo leitor; já a segunda condição é que essa informação precisa ser baseada nas indicações do próprio texto, e não nas vontades do leitor. Por fim, os limites da inferência geralmente estão no texto, nele é possível perceber o momento de se inferir ou não, assim como os objetivos do leitor e do texto auxiliam também nesse processo.

Partindo dessa ideia, ainda de acordo com Coscarelli (2002), as inferências costumam ser feitas em duas divisões: conectivas e elaborativas. As *conectivas* são aquelas feitas pelo leitor para manter ou construir a coerência entre todas as partes do texto, como se fosse para ele não se perder. Já as elaborativas são as informações adicionadas por ele a fim de enriquecer as informações já contidas no texto, sem ter nenhuma relação com a coerência, não sendo necessária para a compreensão. E também pode gerar expectativa no leitor do que virá pela frente.

Um exemplo citado pela própria autora Coscarelli (2002, p. 4), para tornar ainda mais claro o que são cada uma delas, começando pelas *conectivas*: “Comprei uma bolsa nova e o fecho já estragou.”, neste caso, primeiramente, é preciso saber que bolsas normalmente têm zíper. Depois, inferir que o zíper estragado da segunda oração pertence a bolsa citada na primeira. Quem não compreende essas situações, não conseguirá inferir com coerência.

No caso das *elaborativas*, há o seguinte exemplo nas palavras de Coscarelli (2002, p. 4): “A nova máquina foi instalada hoje. Agora já podemos lavar toda a roupa suja que ficou acumulada.” Aqui se infere que a máquina foi instalada por um técnico, ou seja, informação adicionada ao texto pelo leitor.

Também é considerado inferência o processo cognitivo em que se analisa, sintetiza, induz, deduz, entre outras formas advindas do processo de cognição. Além disso, as inferências podem ser feitas em momentos diferentes do texto. Com isso, estudos indicam que há aquelas que precisam de menos tempo para acontecerem, como as que são feitas automaticamente pelo leitor para a construção da coerência e, portanto, do entendimento. E há aquelas que são feitas com maior tempo de processamento, muitas vezes devido à complexidade do texto ou não familiaridade por parte de quem lê. O fato é que inferir é fundamental para se compreender.

### **1.3 Gêneros discursivos e a leitura com foco no cotidiano**

Nesta última seção, abordaremos sobre a necessidade do ensino da leitura a partir dos gêneros discursivos, considerando elementos presentes no nosso cotidiano, na nossa vida social. Portanto, de acordo com Lopes-Rossi (2002) e outros estudiosos citados por ela, foi constatado que o ensino de produção de textos nas escolas ainda é muito voltado à tipologia textual de dissertação, redação, descrição somado à dependência dos professores em livro didático. Um dos grandes problemas a partir disso, é a artificialidade dos textos compostos pelos alunos, que tem como único objetivo cumprir com o que professor pede para tirar uma boa nota, sendo então, um texto sem objetivo por parte do aluno, com inúmeros clichês e problemas de coesão e coerência, entre outros problemas apresentados por Lopes-Rossi (2002).

Estudiosos como Pasquier, Dolz; Dolz e Schneuwly (1996 apud LOPES-ROSSI, 2002, p. 2) concluíram, por meio do conceito bakhtiniano de gênero discursivo, que essa prática clássica é “inadequada a uma prática pedagógica voltada ao desenvolvimento da competência comunicativa mais ampla dos alunos.” É preciso uma distinção de narração, descrição e dissertação, e gêneros discursivos. Isso porque essas tipologias textuais tratam apenas da organização do discurso, sem levar em conta o propósito social dos textos, ou seja, o enunciado relacionando-se com situações reais da língua na sociedade, como diz Bonini (1999, p. 18 apud LOPES-ROSSI, 2002, p. 3), “não os trata como elementos de comunicação, mas como fórmulas abstratas.”

É preciso, portanto, considerar o texto por outro viés, de forma a tratá-lo como um elemento presente no cotidiano, para que faça mais sentido para o aluno no aprendizado. Nos gêneros argumentativos, por exemplo, o autor, utiliza-se de recursos linguísticos a fim de obter algum resultado, como convencer o leitor de que se deve, por exemplo, comprar o carro que está no anúncio, ou de que a pesquisa feita é interessante. Isso acontece de acordo com a necessidade cotidiana, seja em um anúncio publicitário, artigo jornalístico, resenha crítica, entre outros.

Esse efeito de convencer o leitor é feito por meio de diferentes recursos linguísticos e de organização textual. Devido a isso, Lopes-Rossi (2002, p. 3) diz: “Estudar ou escrever uma argumentação, portanto, é algo mais complexo do que apenas entender ou reproduzir aquele texto dissertativo (ou argumentativo) que tradicionalmente se cobra dos alunos nas tarefas de redação”. Isso quer dizer que é preciso perceber a intenção de determinado texto, qual o efeito que ele quer causar no leitor, não se limitando apenas aos modos de organização do discurso.

Se o professor utilizar dessas ferramentas nas aulas de redação, com textos que envolvam o aluno com algum objetivo, colocando-os em interação com ele, por meio de discussões e informações sobre o tema proposto, planejamento de ideias, revisão, poderá evitar esse ensino que foca exclusivamente nos modos de organização do discurso, e, dessa forma, será um ensino que considerará também a circulação social.

O conceito de gênero discursivo é do filósofo russo Bakhtin. De acordo com ele, o discurso (falado ou escrito) se processa na interação social. O discurso pode ser uma palestra, uma piada, uma entrevista, todos são uma forma oral de discurso. Enquanto uma carta, notícia, relato de pesquisa, são gêneros escritos.

O estudioso divide os gêneros discursivos em dois segmentos: primários e secundários. O primeiro, ocorre em situações cotidianas; o segundo, em situações mais complexas, como nas áreas científica, jurídica, entre outras. Importante considerar que, conforme a sociedade avança, os gêneros podem ser alterados também. Com a internet, por exemplo, é muito comum que não se encontre mais anúncios de emprego em jornais, mas sim, em sites

especializados, assim como também, o e-mail surgiu como um novo tipo de gênero discursivo.

Tratando-se do ensino atual, deve-se considerar também elementos não verbais, além dos verbais propriamente ditos, como parte da organização textual que compõem os gêneros discursivos. Por exemplo, observar, em uma reportagem de revista, o tamanho da letra, da capa, da foto, entre outros possíveis elementos, permitem inúmeros significados pelo leitor. A partir dessa ideia, deve-se considerar também o tipo de revista em que se está publicada, o tipo de leitor que ela pretende atingir, o posicionamento ideológico da mesma, entre outras coisas.

Em suma, os elementos não verbais dizem muito e causam impressões no leitor. Além dos elementos não verbais, há outras características discursivas que não são visíveis, com o intuito de atingir maior quantidade de leitores. De acordo com Lopes-Rossi (2002, p. 6):

esse nível de conhecimento do gênero discursivo permite a escolha vocabular adequada, o uso de recursos linguísticos e não linguísticos e a seleção de informações mais eficientes ao propósito do texto, a determinação do tom e do estilo culturalmente esperados ou exigidos e a identificação das condições de êxito para a produção de um gênero.

Entende-se, então, que é necessário um conhecimento que vá além dos linguístico-textuais para se compreender um texto, dessa forma, o aluno será um sujeito ativo na produção de textos. Portanto, esse é o papel da escola e também responsabilidade do professor de língua portuguesa, para que haja o desenvolvimento dessa competência analítica nos alunos.

Para ajudar no desenvolvimento dessa competência, a partir de um projeto pedagógico, pode-se utilizar nas aulas de redação diversos gêneros em vários níveis de ensino, de forma ilustrativa, como citados por Lopes-Rossi (2002, p. XX): “rótulos de produtos, bulas de remédio, propagandas políticas, etiquetas de roupas” entre outros. Dessa forma, o aluno é capaz de perceber a intenção do texto, qual a função social do mesmo, etc. Esse tipo de leitura crítica por parte do aluno (leitor) contribui para um cidadão crítico e participativo na sociedade.

Sendo assim, as estratégias apresentadas pelas autoras são determinantes no ensino, para que nós, professores, formemos alunos que sejam capazes de analisar uma informação, de fazer uma leitura crítica, com critérios, e possam evitar uma leitura rasa, ineficaz, que o levem à compreensão equivocada de uma mensagem e que os façam cair nas armadilhas das *fake news*, assunto do próximo capítulo.

## CAPÍTULO 2

### **FAKE NEWS, O ENSINO DAS NOTÍCIAS FALSAS NA ESCOLA, E O PAPEL DO LEITOR**

Neste segundo capítulo, abordaremos sobre o que são as *fake news*, onde aparecem, por que são feitas e quais as consequências das disseminações de notícias falsas na vida das pessoas. Veremos também como trabalhar com esse fenômeno da propagação de mentiras no âmbito escolar e metodologias para serem aplicadas com os alunos a fim de combatê-las.

#### **2.1 O que são as *fake news* e onde aparecem?**

Nesta primeira seção do capítulo dois, veremos o que são as notícias falsas, onde costumam aparecer e como a escola e os professores podem ajudar no combate a esse problema.

As *fake news* são notícias falsas. Esse termo é recente, referente ao compartilhamento de notícias distorcidas e sensacionalistas por meio de algum tipo de mídia da internet, geralmente redes sociais, que têm como finalidade atingir e influenciar um determinado grupo.

No mundo midiático em que vivemos atualmente, em que as informações circulam pelo mundo todo na velocidade de um toque por meio do celular ou computador, somos todos responsáveis pelo compartilhamento delas, podendo ser notícias que informam e também aquelas que, nas palavras de Aidar e Alves(2019), “deformam”. Isso quer dizer que, se ao entrar em contato com uma informação inverídica, o leitor não tiver a percepção da observação, a partir de recursos como a análise e a checagem, a informação que chega até ele pode, na verdade, ser um prejuízo pela desinformação que causa. Por isso, a importância de aprender e desenvolver uma leitura crítica e reflexiva. É necessário ensinar o leitor a desconfiar da informação, sobretudo pelo fato de que hoje qualquer um pode noticiar algo por meio de uma mídia

social, não é mais somente função exclusiva do jornal. De acordo com Aidar e Alves (2019, p. 12), há três definições para as *fake news*, também conhecidas como “pós-verdade”:

1. Alguns a definem como uma notícia falsa criada intencionalmente para se passar por verdadeira.
2. Há por outro lado aqueles que a entendem como uma notícia falsa que foi publicada por um erro do repórter que fez uma reportagem mal feita em que os dados não foram apurados corretamente, ou seja, não houve uma checagem.
3. E há também as pessoas que acreditam em mais versões dos fatos, ou seja, acreditam que as *fake news* não são falsas, mas que foram, na verdade, apresentadas pelos meios de comunicação como uma forma de mostrar uma determinada versão da história: manipulação.

## 2.2 Fake News: no passado e no presente

Aqui, na segunda seção, veremos que as temidas *fake news* não surgiram somente a partir do universo midiático. Elas também aconteciam no passado. A diferença está no poder de alcance e divulgação de uma notícia no passado comparada com a rapidez de circulação na atualidade. Além disso, abordaremos também quais são as consequências para o leitor ao cair na armadilha de uma notícia falsa e como ele pode evitar isso.

As *fake News* não passaram a existir a partir das mídias digitais, embora atualmente elas tenham um poder de divulgação muito mais abrangente. Em *Como não ser enganado pelas fake News* (AIDAR; ALVES, 2019, p.14), são apresentados alguns exemplos de notícias falsas veiculadas no passado:

Em 1865, a foto de um fazendeiro segurando uma enorme batata, pesando cerca de 40 kg, foi publicada em um jornal do Colorado (EUA). Diante de inúmeros leitores pedindo mudas desse tubérculo gigante, o que começou como uma brincadeira virou uma dor de cabeça que teve que ser esclarecida: como ainda não havia *Photoshop*, aquela batata, na verdade, havia sido esculpida em madeira.

Procurando divulgar o espaguete na Inglaterra, a BBC (grupo de mídia inglês), em 1957, fez uma brincadeira típica de 1º de abril, que acabou sendo entendida como verdade. Nessa época, a TV já

alcançava 44% das residências britânicas e muita gente acreditou que macarrão espaguete nascia em árvores.

No século XVI, foram inventadas deliciosas viagens a terras inexistentes e seus animais maravilhosos. Os relatos dos viajantes que buscavam alcançar o Novo Mundo alimentavam a imaginação dos europeus sobre o lugar e os povos fantásticos que encontrariam nas Américas.

Em 1917, duas primas que vivam em Cottingley (Inglaterra) enganaram o mundo com uma série de fotos em que apareciam rodeadas por fadas!

Elas só foram desmentir o caso em 1983, já bem velhinhas, dizendo que tinham feito as fotos usando moldes de papelão.

A diferença é o meio como a informação, ou melhor, a desinformação veicula. No passado, só havia a possibilidade de se informar sobre uma notícia por meio de jornais, TV, rádio etc. O que, nas palavras de Aidar e Alves (2019), é chamado de *small data*, que se caracteriza pela lenta divulgação da informação, já que por meio da mídia tradicional, é preciso todo um trabalho dividido em várias etapas por parte dos jornalistas para que, após esse feito, possa ser divulgado para o leitor, telespectador e ouvinte. Além da lentidão na divulgação, essa informação terá um alcance reduzido comparado ao alcance que se tem uma notícia veiculada através da mídia digital.

Já a *big data* se refere à mídia digital, as redes sociais (AIDAR; ALVES 2019). O poder de divulgação, compartilhamento e interatividade nessas mídias é absurdamente maior, incomparável. A descoberta da verdade acontece de forma muito mais ágil também. Com os avanços tecnológicos cada vez mais aprimorados, as *fake news* não se limitam somente a textos informativos. Já é possível, inclusive, criar uma notícia falsa por meio de uma foto, vídeo ou áudio. Seria essa, portanto, uma nova fase das *fake news*, agora denominadas também de *deep fake news*.

Importante diferenciar que informação não é a mesma coisa que notícia e vice-versa. Uma notícia é uma informação, mas nem toda informação é uma notícia. Um exemplo para isso é a receita de bolo, nela contém todas as informações necessárias para o preparo, mas não é uma notícia. Aidar e Alves (2019) apresentam os critérios para uma notícia ser divulgada em uma mídia, os chamados 4i's:

Incomum – Ser incomum e relevante.

Interessante – Ser um acontecimento interessante e significativo.

Importante – Ser sobre pessoas, lugares ou situações importantes.

Impactante – Ser capaz, por diversas razões, de afetar a vida de muitas outras pessoas na cidade, no país ou no mundo.

As notícias, hoje, como já sabemos, circulam em meios que vão muito além do jornal, TV e rádio. Hoje elas estão e circulam também na internet, nas mídias sociais. Por um lado, essas novas formas de mídia tornou a informação e o conhecimento mais democrático, permitindo o alcance de informações e notícias e a divulgação por qualquer pessoa, saindo do controle exclusivo das grandes mídias. Sendo assim, assuntos que não costumavam circular nas grandes mídias podem agora serem divulgados por meio de uma plataforma digital. Se for um fato verdadeiro, pode contribuir muito e ajudar pessoas, projetos, etc.

Em contrapartida, as mídias digitais também podem contribuir também para o maior alcance da desinformação. Qualquer pessoa pode, por exemplo, criar um blog e publicar o que quiser nele, sendo uma informação verídica ou não. Isso pode aumentar a propagação da desinformação, das *fake news*, o que pode ter como consequência o estímulo ao ódio e a intolerância, pois uma inverdade causa sérios problemas ao alvo. Isso acontece porque, por meio das plataformas digitais, tais como o *Blog, Instagram, Facebook, Twitter*, entre outras, a informação divulgada não tem uma apuração de dados eficiente como tende a ter na mídia tradicional.

Então, por um lado, temos um maior acesso, interatividade e propagação de notícias, o que é mais democrático; por outro, temos um crescente número de criadores e propagadores de *fake News*. Por isso, para evitar esse enorme problema, é fundamental a dúvida por parte do leitor, assim como a checagem da informação (uma, duas, três, quatro vezes) e a avaliação, antes do compartilhamento. Geralmente, nas plataformas digitais citadas, as notícias criadas e divulgadas costumam ter um viés sensacionalista, justamente para chamar a atenção do leitor, por meio do drama, da indignação, para que impulsivamente ele compartilhe, acreditando ser uma verdade.

De acordo com o conceituado Magalhães (2019 apud AIDAR; ALVES, 2019, p. 34), jornalista, escritor e colunista do *The Intercept Brasil*, “a difusão e o acesso a relatos e interpretações diferentes é condição para os cidadãos formarem com autonomia seus próprios juízos. Boa parte do que hoje é

oferecido como jornalismo constitui propaganda. Pretende mais convencer do que informar.” Para o autor, isso quer dizer que sempre é preciso checar a informação e procurar as outras possíveis versões da mesma. Portanto, para que realmente ocorra a democratização da informação, o leitor diante de uma notícia, precisa verificar, desconfiar, procurar outras informações e versões referentes ao fato noticiado.

### **2.3 Como as informações chegam às nossas mídias sociais?**

As informações chegam para nós nas mídias sociais por meio da inteligência artificial. Um algoritmo, o robô (*bot*), analisa e filtra o que é relevante ou não para os usuários das plataformas. Essa pesquisa é feita com base em curtidas, compartilhamentos, assim como leituras, vídeos e páginas acessadas pelo usuário no passado, ou que ainda são acessadas por ele. A partir dessa coleta de dados, o *bot* (algoritmo) programa tudo o que ele considera interessante para o usuário, mais precisamente, aquilo que tem a ver com o perfil dele.

O algoritmo está presente em todas as mídias sociais, como *Facebook*, *Instagram*, *Twitter*, e até mesmo, o *LinkedIn*. Para tornar mais claro, a pessoa com quem mais interagimos no *Facebook*, por exemplo, aparecerá mais no *feed*. Assim como as páginas, grupos que mais interagimos, e tudo pertencentes a essas plataformas também irão se destacar mais no *feed* conforme nosso acesso e interação. Esse filtro existe para tornar mais fácil o engajamento. O *bot*, algoritmo está constantemente monitorando o que o usuário mais consome, acessa e interage para que sua programação seja o mais próxima possível do perfil de cada pessoa.

Portanto, as pessoas, os posts e as publicidades aparecerão de acordo com o que “mais tem a ver com o usuário.” Sendo assim, se o usuário clica em muitas páginas que promovem as *fake news*, isso é o que mais aparecerá no *feed* do mesmo, fazendo com que as propagações da desinformação passem ao alcance dos demais usuários com os quais ele interage. E, conseqüentemente, a incitação ao ódio e a intolerância também tomarão proporções maiores, e tudo por uma mentira, uma notícia falsa.

## 2.4 O que é um bom leitor? E o que é um mau leitor?

Considerando como funcionam as informações nas mídias sociais/digitais, é preciso estar atento e desconfiado diante de cada notícia. Por isso, como já foi abordado nesse trabalho, a importância da leitura crítica. Sem ela, as armadilhas das *fake news* sempre serão tentadoras. Nas palavras de Aidar e Alves (2019, p. 51) há algumas questões que podemos fazer para distinguir um bom leitor de um ruim.

1. Está sempre bem informado sobre o que acontece na cidade, no país e no mundo?
2. Procura se informar em mais de um canal ou mídia?
3. Seleciona as fontes e as informações?
4. Levanta dúvidas sobre o que lê ou assiste?
5. Leva em consideração opiniões contrárias às suas?
6. Procura ler e ouvir diferentes opiniões sobre um mesmo acontecimento?

O bom leitor é aquele que responderia sim a essas seis perguntas, ou seja, aquele que reflete sobre a leitura, questiona e checka a veracidade das informações em diversas fontes.

Enquanto o consumidor, seria aquele que só olha as notícias, mas não existe um aprofundamento crítico e reflexivo por parte dele, o que caracteriza uma falsa leitura. Ele responderia sim as seguintes perguntas:

1. Sabe do que acontece porque ouviu alguém falar?
2. Se informa por um único meio de comunicação?
3. Não procura saber se a fonte é confiável ou não?
4. Acredita em tudo que lê, vê ou ouve contar?
5. Tem opinião formada sobre tudo, mesmo sem conhecer os assuntos?
6. Não leva em consideração opiniões diferentes das suas?(AIDAR; ALVES 2019, p. 51)

Com isso, o segundo grupo será mais facilmente manipulado porque acredita facilmente em tudo o que vê, de primeira, sem questionamento.

Para o desenvolvimento de uma leitura crítica nas mídias sociais, nossa nova realidade, é preciso considerar que a importância está mais nas

perguntas do que nas respostas. As perguntas, o questionamento, que fará com o que leitor repense a informação lida, na checagem da veracidade, nas fontes, nas outras possíveis versões do acontecimento, etc. É preciso pensar no que há por trás de cada informação, especificamente no caso das notícias.

## 2.5 O mau das *Fake news*

Depois de tanto se falar sobre as *fake news*, serão agora apresentados alguns exemplos de notícias falsas e a repercussão e consequências que causam. Já sabemos o impacto que causa no leitor, como a desinformação e a propagação para os demais. Mas, há também o impacto negativo no ao alvo da notícia. Embora quem tenha criado e compartilhado essas notícias acredite, muitas vezes, que isso seja positivo, porque há aqueles que se utilizam das *fake news* como uma forma de se promoverem e conseguirem o que querem. Alguns exemplos:

### **Linchamento de uma mulher em Guarujá-SP no dia 3 de maio de 2014<sup>3</sup>**

Dois dias antes, um administrador de uma página de Facebook havia feito uma postagem alertando a população local sobre uma suposta mulher que sequestrava crianças para fazer rituais de feitiçaria. A postagem ainda incluía uma retrato falado da suposta criminosa. Tudo *fake news*. Segundo a polícia, não havia nenhum caso de sequestro de crianças na cidade. Uma mulher de 33 anos, casada e mãe de dois filhos, foi identificada como a suposta sequestradora quando se dirigia à casa de suas primas no bairro de Mortinhos. O linchamento reuniu dezenas de pessoas e foi filmado por câmeras de celular. A mulher morreu dois dias depois.

### **Ursal<sup>4</sup>**

“No primeiro debate entre os candidatos à Presidência, na TV Band, o candidato Cabo Daciolo (Patriota) pediu a Ciro Gomes que falasse sobre o plano Ursal, a "União Socialista das Repúblicas da América Latina", que não existe. As *fake news* das eleições e a fala de Daciolo criaram muitas

---

<sup>3</sup> <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/09/veja-o-passo-a-passo-da-noticia-falsa-que-acabou-em-tragedia-em-guaruja.shtml>

<sup>4</sup> <https://politica.estadao.com.br/blogs/estadao-verifica/termo-ursal-foi-criado-como-brincadeira-e-agora-alimenta-teorias-conspiratorias/>

teorias conspiratórias de que a Ural teria um plano para fraudar as eleições e para unificar toda a América Latina sob um Estado socialista. As informações eram falsas e a sigla foi inventada pela socióloga Maria Lucia Barbosa, em 2001, como uma ironia para criticar um encontro do Foro de São Paulo em Havana.

Estas notícias, ambas, são falsas. A primeira porque pegaram uma foto qualquer de uma mulher aleatória e divulgaram na rede social, afirmando que ela era a “sequestradora de crianças”. Sem nenhum tipo de checagem quanto à notícia, a população de Guarujá (local da tragédia) já logo acreditou e foi fazer (in)justiça com as próprias mãos. A moça, Fabiane, 33 anos, casada e mãe de dois filhos, foi linchada e morta por espancamento de pessoas que não tiveram o menor senso crítico. Foi comprovada a notícia falsa após a investigação do crime, quando foi descoberto que, tanto a foto postada na página “Guarujá alerta” (único lugar em que circulava a foto com a denúncia) quanto a da mulher loira colocada como criminosa, não tinham a ver com Fabiane. A população da periferia de Guarujá matou uma inocente.

A segunda notícia foi comprovada que era falsa pela professora socióloga, ex-professora da Universidade Estadual de Londrina, em entrevista ao Comprova, que criou em uma brincadeira em 2001 para o Foro de São Paulo, e afirmou que essa associação não existia, que foi uma sigla inventada por ela

Como percebemos nos exemplos anteriores, as *fake news*, portanto, não são feitas meramente por acaso, elas têm como intenção enganar e confundir o leitor, além de poder ser também por algum interesse político ou forma de se auto promover, e atualmente, de conseguir likes etc. Isso ocorre, de acordo com Martino (2018) porque é muito comum que as pessoas filtrem as informações de acordo com aquilo que elas gostariam que fossem a verdade e aquilo que consideram certo. A psiquiatra Magalhães (2018) afirma que o nosso cérebro costuma procurar informações que confirmem a nossa visão de mundo para que haja significado.

E sendo assim, estrategicamente, as *fake News* atingem também essas pessoas. Para estas, primeiramente, é imprescindível que se conscientizem e que abdicuem dessas ideias para que possam desenvolver o senso crítico, e por fim, para que passem a desconfiar da informação.

## **2.6 A curadoria educacional a partir de recursos tecnológicos como mecanismo para combater as *Fake news***

Abordaremos nesta seção a importância do professor curador em sintonia com o projeto pedagógico escolar, para que juntos, possam mostrar aos alunos que é possível evitar as *fake news* no contexto escolar, utilizando recursos tecnológicos presentes em nossas vidas.

Hoje, no mundo contemporâneo, a curadoria educacional se faz extremamente necessária, já que hoje temos a internet também para informar, como também para desinformar. Esse tipo de curadoria é o termo que designa o professor que leva em consideração o interesse dos alunos para preparar suas aulas e propor atividades. O professor-curador tem a função de reunir informações e organizá-las a fim de um propósito. E para que esse propósito seja eficiente, é necessário que os alunos estejam envolvidos no projeto pedagógico proposto, fazendo com que o conteúdo trabalhado seja não somente compreendido, como também expandido para outras pessoas. O objetivo, nas palavras de Garcia e Czeszak (2019, p. 31), é “transformar as informações em conhecimento”.

E assim sendo, é necessário que o professor aprimore suas competências e habilidades ao considerar as tecnologias digitais como novas ferramentas. Ainda de acordo com Garcia e Czeszak (2019), para que surta efeito, o projeto pedagógico da escola precisa estar alinhado com o do professor-curador, isto é, é necessário que a escola considere o aspecto social, o cotidiano e o que nele acontece, pois assim, o curador educacional juntamente o espaço educativo terão a oportunidade de formar alunos que sairão cidadãos autônomos e transformadores.

O professor-curador tem papel fundamental no ensino da investigação da informação. Nas palavras de Garcia e Czeszak (2019, p. 39), “devem-se prover apoios aos alunos com base em propostas de projetos, que necessariamente se sustentam pela pesquisa, investigações de diferentes níveis, iniciando-se a partir de bases tecnológicas”.

O processo de curadoria exige a reflexão com os alunos e dos demais envolvidos, considerando a era tecnológica junto ao contexto social que

coexistem na sociedade, e conseqüentemente, no âmbito escolar, ou seja, a escola não pode ser vista como um ambiente fechado e homogêneo.

Quanto ao excesso de informações que temos à disposição, o curador educacional precisa ter o cuidado ao considerar que esse excesso interfere cognitivamente na absorção e compreensão dos alunos. Portanto, ao trabalhar conteúdos informativos, é preciso dessa precaução para que os discentes não sejam sobrecarregados. Segundo Garcia e Czeszak (2019, p. 82), “é importante dosar as atividades para que não ocorra tal sobrecarga.” Desse modo, ainda de acordo com os autores, é função também do professor-curador auxiliar na dosagem do excesso de informação, porque, assim, o processamento e o armazenamento dela serão eficazes.

Não há como absorver sem estar cognitivamente conectado à informação. Frente ao atual problema das *fake news*, a necessidade de uma curadoria educacional se faz ainda mais presente por parte dos professores junto ao projeto pedagógico da escola, ou seja, ambos definitivamente precisam estar unidos para ensinarem aos alunos a entenderem e combaterem essa quantidade de informação falsa espalhada por todas as redes digitais, das quais os jovens também fazem constante uso.

É importante que juntos, organizem as informações existentes na Internet, com o critério de filtrarem os conteúdos de valor. Também é essencial a discussão frequente com os alunos acerca da importância da checagem da informação, já que uma notícia falsa carrega consigo não só a desinformação (como vimos nos exemplos das *fake news*), como também a distorção da realidade que acaba por prejudicar inocentes além de confundir e enganar as pessoas.

Por isso, de acordo com Garcia e Czeszak (2019), faz-se necessário uma educação com foco social e político. Só assim, os alunos sairão da escola cidadãos críticos e ativos socialmente, o que faz com que a tendência em cair nas notícias falsas se reduza drasticamente, e que aos poucos, a sociedade se desenvolva cada vez mais crítica e reflexiva. A escola forma cidadãos, e no mundo midiático em que vivemos hoje, isso precisa ser levado em conta junto a uma curadoria que auxilie os alunos a organizarem e analisarem consistentemente as informações.

## 2.7 Metodologias ativas em conjunto com o professor curador

Trataremos sobre a necessidade de tornar o aluno o protagonista da aprendizagem, o professor curador o fará pensar o porquê de determinada aprendizagem e qual o objetivo. A partir do uso da Internet, veremos como ela pode ser uma grande aliada na curadoria educacional com as metodologias ativas.

A curadoria pode utilizar de metodologias ativas para que torne todo esse processo mais eficiente, isto é, tornar o aluno o protagonista na aprendizagem, de forma autônoma, considerando também as necessidades do discente, dando voz a ele. Essas metodologias consideram não só as práticas do professor, como também o desenvolvimento da autoconsciência dos alunos diante do processo de ensino-aprendizagem, a fim de estimular a autonomia do aluno.

Segundo Vickery (2016, apud GARCIA; CZESZAK 2019, p. 94), há alguns aspectos a serem tratados pelas metodologias ativas por parte do curador com os alunos:

O que está fazendo e por quê?  
O que o ajudou a acessar e a alcançar a aprendizagem?  
Como se sente em relação a isso?  
Está preparado para perseverar em busca de resultados?  
Por que está fazendo isso?  
Aonde isso vai nos levar?

Com esses questionamentos, os alunos tendem a se tornar conscientes no processo de aprendizagem, ou seja, ao entenderem o porquê de se estar aprendendo algo, com qual a razão, o propósito, o quanto de fato se aprendeu sobre, a aprendizagem passa a ter um significado. Tudo isso pode colaborar para que eles aprendam de forma ativa e participativa e, para isso, como já foi tratado acima, é necessário dar voz a eles e ter uma proximidade entre o professor e o aluno.

No contexto em que vivemos hoje, também precisamos pensar a construção de uma nova forma de ensino-aprendizagem que envolva o ensino presencial com o *on-line*. Os projetos, planos de ensino, a aprendizagem e tudo

o que envolve o meio escolar devem considerar esses dois modos e serem elaborados a partir dessa nova realidade.

É importante ensinar o aluno a pesquisar e a importância da pesquisa, pois isso conseqüentemente o fará pensar. Além disso, de acordo com Garcia e Czeszak (2019), ao estar no papel de pesquisador nos projetos pedagógicos, o aluno se vê valorizado, o que torna o ensino e a aprendizagem profunda e efetiva. Assim, ele se torna mais participativo e investigador. Desse modo, a pesquisa passa a ter um papel significativo na vida do pesquisador(aluno). Os autores Garcia e Czeszak (2019, p. 92), propuseram formas de desenvolver esse processo criativo com os alunos:

- **Descrever:** Solicitar uma ação – por exemplo, um levantamento de dados para que se tenha uma visão preliminar sobre um fato. Pedir, então, a descrição desse fato com mais detalhes, com o foco de pesquisa já delimitado. Por exemplo, considerando-se problemas recentes no nosso país envolvendo desastres com barragens de rejeitos tóxicos, poderia ser proposta a descrição dos dados de barragens que existem no Brasil, números, localização, etc.
- **Comparar:** Prosseguindo no exemplo apresentado no item anterior, é possível comparar os dados das barragens de Brumadinho e de Mariana (Minas Gerais) em termos de risco, volume da lama, contaminação dos rios. Os alunos poderiam ser provocados a avançarem em suas pesquisas, buscando características de outras barragens que apresentem possibilidade de rompimento.
- **Avaliar:** Sugestões para avaliar seriam, por exemplo, verificar quais são os pontos fracos e fortes. No exemplo aqui adotado, analisar separadamente os desastres ambientais de Mariana e de Brumadinho e avaliar volumes de investimentos, medidas de prevenção em relação a rompimentos, atitudes tomadas após o rompimento para conter os danos, etc.
- **Explicar ou predizer:** Com base na análise de dados, observar quais são as causas de certos comportamentos. No exemplo que está sendo aplicado, discutir e debater as causas do desastre, sugerindo que se apontem possíveis responsáveis, funções envolvidas no funcionamento de barragens, o cotidiano do ambiente de trabalho, etc.
- **Projetar e desenvolver:** O que se pode fazer para melhorar o quadro. Na prática, seria discutir e apresentar soluções claras baseadas no trabalho elaborado com os dados.
-

Ainda de acordo com Garcia e Czeszak (2019, p. 93), a pesquisa na escola deve ser desenvolvida a partir dos seguintes parâmetros:

- O aluno pode fazer pesquisa desde um estágio mais elementar, assim a pesquisa não deve ser vista como um privilégio dos alunos das séries mais avançadas. A vantagem é ensinar desde cedo o gosto pela investigação e pela utilização de sistemática de pesquisa, mesmo que elementares;
- A maturidade para fazer pesquisa escolar pode ser alcançada à medida que novos desafios, adequados aos interesses dos alunos, são colocados constantemente e avaliados em sua eficácia de aprendizagem;
- A pesquisa não deve ser tratada como uma atividade para satisfazer aos interesses dos professores. Ela deve ser negociada como estratégia legítima de aprofundamento de informações sobre determinado assunto;
- A pesquisa escolar deve ser informada passo a passo, para que haja escolha clara de problemas, recursos e métodos. Portanto, a comunicação e a linguagem para tal comunicação devem ser adequadas aos perfis de alunos;
- A pesquisa escolar pode ser vista como um fator influenciador na formação de futuros cientistas, mas isso não deve ser visto como primeira necessidade. Deve-se preconizar que, sem as mínimas ferramentas para questionar, pesquisar e aprofundar, não se formam cidadãos para enfrentar as novas demandas sociais e tecnológicas;
- A pesquisa escolar deve explorar produtos diversificados e respaldar a comunidade escolar com soluções, orientando o aluno para a pesquisa de campo e para a cidadania.

Portanto, a partir dos exemplos propostos pelos autores Garcia e Czeszak (2019), é possível concluir que, de fato, o aluno pesquisador levanta questionamentos, análises, e, por fim, realiza pesquisas, que não se limitam ao ambiente escolar, mas que também, se expandem para o mundo. Por isso, a importância de uma curadoria escolar e do cuidado ao trabalhar tais práticas de análise e organização da informação com os alunos.

A maneira como será abordada o processo de pesquisa que fará com que seja ou não eficiente com os alunos, ou seja, ela precisa ser desenvolvida de forma democrática entre professor e aluno. Partindo dessa ideia, o aluno pode, como citado pelos autores, tornar-se um cientista, como também, um precursor ao ensinar esse processo crítico aos seus familiares, comunidade, etc. E quanto mais cidadãos saindo da escola como indivíduos críticos, mais teremos uma sociedade ativa, que conseguirá com maior facilidade se esquivar

das armadilhas que permeiam a internet e nossa atual sociedade contemporânea: as *fake news*.

## **2.8 Educação midiática nas escolas**

Para complementar a ideia sobre a importância do trabalho com as *fake news* no contexto escolar, o Site *Vaza Falsiane* (2019), propôs um vídeo que apresenta um debate tratando do campo educacional e do trabalho do professor na era das notícias falsas que vêm circulando no universo midiático. Santos(2019) afirma que é necessário a criação de um currículo nacional para trabalhar a educação midiática de maneira formativa.

A ideia, segundo Santos(2019), que cita os projetos da BBC Inglaterra, é que os alunos estejam envolvidos em um projeto de produção de notícias por eles mesmos, pois assim ficarão mais envolvidos com o tema abordado, o que faz com que eles sejam o centro da ação, que eles criem, investiguem e aprendam por meio da experiência. Para que surta efeito, é necessário primeiramente uma formação prática para todos os professores envolvendo a educação midiática e como abordá-la em sala de aula.

O professor necessita preparo para lidar com os alunos de hoje, a nova juventude, que está o tempo todo conectada e que tem a internet como ferramenta principal no seu dia a dia. Sendo assim, trazer as ferramentas digitais para a sala de aula, desenvolvendo atividades em que elas estejam inseridas, de forma que dialogue com o aluno a fim de que ele se envolva, e que, portanto, o ensino seja mais eficiente.

Por fim, para evitar a era da desinformação, Santos (2019), afirma que, em tempos de desinformação digital, a educação midiática precisa entrar em prática para que forme cidadãos críticos socialmente e passe a combater esse problema. Assim, trabalhar a mídia, a notícia em sala de aula, com os recursos digitais, tendo como público alvo as crianças e os jovens se repercutirá na sociedade. Ou seja, quanto mais indivíduos sair da escola com senso crítico, mais isso se reproduzirá socialmente, logo, menos pessoas acreditarão em notícias que desinformam e não irão compartilhá-las. Por fim, menos a mídia sofrerá com a desinformação. Ou seja, a educação midiática e a própria mídia precisam estar unidas para combater as *fake News*.

Para os cidadãos que já saíram da escola, os adultos, Santos (2019) afirma que há um grande desafio considerando que, mesmo aqueles que tiveram uma boa educação e formação, muitas vezes não racionalizam a informação e agem de forma impulsiva, sem questionamento, porque notícias falsas acabam por confirmar aquilo que eles gostariam que de fato fosse verdade. A autora defende ainda que a educação midiática de jovens pode ajudar esses adultos – que podem ser seus pais, avós, vizinhos – a checarem as informações antes de compartilhar.

Para finalizar este capítulo, veremos a sugestão dada por um professor de educação básica a fim de sugerir uma forma de abordar este tema no nível básico. Em uma *live* recentemente, pelo canal do Youtube, chamado *GPDOC RURAL*<sup>5</sup>, professores da UERJ propõem um novo projeto de aulas sobre *fake News* no curso de Pedagogia, em que o professor de Educação Básica, Wallace Almeida sugere a possibilidade de adaptar esse projeto para os alunos de Educação Básica. Ele afirma da importância da autorreflexão dos docentes sobre como percebem o crescente avanço das tecnologias e das *fake News*. A partir disso, pensar em quais estratégias podem ser aplicadas para lidar e combater a era da desinformação. Wallace (2020) sugere o uso do *fact-checking*<sup>6</sup> com os alunos, assim como acontece no meio jornalístico.

## 2.9 Atividades sugeridas para trabalhar as *fake news*

Nesta seção, nós faremos a sugestão de três atividades a serem desenvolvidas com alunos de ensino fundamental para trabalhar a leitura, à luz dos teóricos estudados. Desse modo, estarão treinando e desenvolvendo habilidades estratégicas, evitando, portanto, as armadilhas das *fake News*. Sendo assim, serão aplicadas perguntas que levam o leitor à reflexão e ao questionamento quanto à notícia. Veremos a seguir alguns exemplos de notícias que circularam pela internet e que foram bastante compartilhadas. A

---

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?ref=external&v=743177212759902>. Acesso em 10 de out. 2020.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yeeVxJM2PCc&feature=youtu.be>. Acesso em 10 de out. 2020.

<sup>6</sup> **Fact-checking**: termo usado no contexto jornalístico para designar a checagem de uma notícia a fim de verificar a veracidade da informação.

partir dos exemplos que serão sugeridos, trazemos sugestões de perguntas que poderiam ser feitas.

**2.9.1 Primeiro exemplo:** a notícia é *fake news* porque, ao procurar em outras fontes seguras, não há a existência da mesma, além disso, o próprio Ministério da economia desmentiu a notícia.



De acordo com a Medida Provisória Nº 922 / de 18 de março de 2020, o cidadão acima de 60 anos que estiver na rua a partir do dia 20/03/2020, terá sua aposentadoria suspensa por tempo indeterminado. Filhos e netos acima de 18 anos serão responsabilizados com multa de R\$1.045,00 (Mil e quarenta e cinco reais). Essa medida foi feita para assegurar a saúde pública/privada da ameaça atual do COVID19.

**2.9.2 Segundo exemplo:** em 2018, durante as eleições, surgiu a *fake news* abaixo, a notícia é de fato falsa. O próprio Jeans Wyllys e a G1 (veículo de informação que apareceu como autora da publicação) confirmaram que era falsa. Essa notícia nunca foi publicada no site da G1.



**2.9.3 Terceiro exemplo:** a notícia abaixo é *fake news* porque, em março, não havia sequer vacinas sendo desenvolvidas para o combate da covid-19 que era recente. Seria impossível uma vacina ser desenvolvida em questão de semanas. No mais, para tomar vacinas pelo SUS, não precisa se cadastrar em nenhum aplicativo, basta comparecer ao posto de saúde.

## NOVO CORONAVÍRUS



A partir dos exemplos dessas *fake news* que circularam nas redes sociais, em especial, WhatsApp, percebemos por que precisamos checar sempre a informação para não compartilhar mentiras e propagar desinformação.

Para isso, existem as estratégias sugeridas por Solé (1998), Coscarelli (2003) e Lopes-Rossi (2002), em que são propostas formas de se desenvolver uma leitura crítica e eficiente, combatendo portanto, notícias falsas como as citadas acima. Desse modo, de acordo com Solé (1998), durante uma leitura é preciso identificar qual o motivo, para que assim, ela faça sentido para o leitor a partir de uma finalidade. Para que haja compreensão da leitura, é preciso construir o sentido a partir do objetivo do leitor, o texto em si e o conhecimento prévio sobre o assunto, ou seja, é preciso ser um leitor ativo verificando o que se lê, refletindo ao tempo em que se lê.

Coscarelli (2003) nos traz a importância da inferência durante a leitura, ou seja, acionar imediatamente o conhecimento prévio sobre o assunto, isto é, o que já se sabe sobre o tema. No texto, poderá ter informações sobre as quais o leitor já tenha algum conhecimento e haverá também a informação nova, que ele ainda não conhece. A autora afirma também sobre a importância dos elementos coesivos, que, dependendo, podem já mostrar algum posicionamento do autor. Desse modo, se o leitor não acionar a reflexão e levantamento de hipóteses, poderá se deixar levar rapidamente. O significado da leitura é individual, o autor pode dar as instruções para guiar a leitura, mas o leitor que precisará acionar estratégias para criar o próprio sentido.

Já a Lopes-Rossi (2002) traz a problematização do ensino de uma leitura crítica e mais assertiva nas escolas, considerando o problema da artificialidade dos textos. Ela mostra a necessidade de trabalhar textos presentes no nosso cotidiano. Sendo assim, para trabalhar as *fake news* em sala de aula, é de extrema importância ter um propósito definido.

Por fim, é fundamental o trabalho das *fake news* em sala de aula, considerando que é um assunto atual e comum a todos. Isso poderá reforçar o combate e desenvolver uma leitura crítica.

A partir dos exemplos de notícias falsas que trouxemos, sugerimos abaixo quatro perguntas que podem ser feitas para um trabalho em sala de aula:

1.O que o leitor pode fazer ao perceber que essas notícias estão circulando pelo Whatsapp e Facebook, antes de compartilhá-la?  
Resposta: abrir o link da notícia, verificar fonte, data de publicação e quem publicou. Após isso, pesquisar o título da notícia para descobrir se está sendo circulada em *sites* seguros.

2. Qual o objetivo do leitor ao compartilhar uma dessas notícias ou todas e como evitar o compartilhamento imediato?

Resposta: alertar as pessoas o mais rápido possível. Isso porque o título sensacionalista das *fake news*, chamam tanto a atenção que a vontade é de compartilhar com todos rapidamente. Mas não, antes de compartilhar, ele precisa pesquisar a notícia, verificar se está circulando em fontes seguras, procurar acionar a leitura crítica, questionando sobre o fato, antes de compartilhar.

3.Quando o leitor deve desconfiar da notícia veiculada nas mídias sociais?

Resposta: sempre que o título for sensacionalista e apelativo. Para descobrir se é *fake news*, precisa pesquisar sobre, ver se a notícia está em outras fontes seguras, ler o texto utilizando-se da inferência e da leitura crítica levantando hipóteses sobre a veracidade da notícia.

4.Por que essas notícias podem estar aparecendo para o leitor?

Resposta: devido aos *clicks*, *likes* em determinadas publicações, assim como páginas que visita. As mídias sociais, a partir dessas informações, criam um ideal de publicações que o leitor provavelmente gostará, desse modo, pode só aparecer *fake news*, se ele compartilhar muito essas notícias falsas, por exemplo.

## CONCLUSÃO

O objetivo desse trabalho foi realizar uma discussão sobre as *fake news* e propor estratégias de leitura a fim de combatê-las. Fundamentou-se no primeiro capítulo em como desenvolver uma leitura crítica, utilizando-se de estratégias tais como o objetivo da leitura, a inferência a partir do conhecimento prévio sobre determinado assunto, levantamento de hipóteses e questionamentos.

Já no segundo capítulo, foram apresentadas o que são as *fake news*, onde aparecem e a importância de o professor trabalhar as *fake news* em sala de aula por meio da educação midiática para que aluno aprenda os recursos de leitura e checagem utilizando-se de recursos digitais.

Além disso, o docente também pode discutir esse aluno com os discentes por meio da curadoria educacional a partir das metodologias ativas. Isso pode colaborar para que aluno se tornar um leitor mais crítico, protagonista na aprendizagem, isto é, ele pesquisa, ele questiona, ele levanta hipóteses. O professor atua como mediador nesse processo. Desse modo, o aluno se sentirá importante ao aprender, suas leituras farão sentido para ele.

Como resultados foram propostas quatro perguntas a partir de quatro exemplos de notícias que são *fake news* com respostas, para que auxilie na reflexão de como desenvolver atividades com alunos de forma a fazê-los refletir, questionar, utilizando-se das estratégias apresentadas durante o trabalho. Apontando para a necessidade de se checar e questionar uma notícia, já que aparentemente ela pode, a princípio parecer verdade por ter sido uma montagem bem feita.

Desse modo, as questões sugeridas podem servir como base para a elaboração de futuras atividades para alunos de ensino fundamental em que as estratégias de leituras apresentadas no referencial teórico junto ao conceito do que são as *fake news* e de como abordá-las sejam aplicadas a fim de combatê-las. Sendo assim, os alunos sairão da escola com senso crítico desenvolvido, ajudando a espalhar, na vida cotidiana com as demais pessoas, o conhecimento adquirido.

## REFERÊNCIAS

AIDAR; ALVES. **Como não ser enganado pelas fake news**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2019.

ALMEIDA, Wallace. **Fact-checking + Educação**: com o dispositivo de pesquisa Reglus. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yeeVxJM2PCc&feature=youtu.be>. Acesso em: 23 julho. 2020.

COSCARELLI, Carla. **Reflexões sobre as inferências**. Anais do VI CBLA – Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada, faculdade de Letras da UFMG, Cd ROM, 2002.

COSCARELLI, Carla. **Inferência**: afinal, o que é isso? Belo Horizonte: FALE/UFMG. Maio, 2003.

CZESZAK; GARCIA. **Curadoria educacional**: práticas pedagógicas para tratar (o excesso de) informação e fake news em sala de aula. São Paulo: Senac, 2019.

LOPES, Rossi. **Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos**. Taubaté: Cabral, 2002.

SANTOS, Jessica. **VF Debate**: educação contra as fake news e desinformação. Vaza Falsiane, 2019. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?ref=external&v=743177212759902>. Acesso em: 22 julho. 2020.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Penso, 1998.